

A PROPÓSITO DO ESTUDO DA TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO HISTÓRICA: APROPRIAÇÕES ECLESIAIS DE UM BISPO EM UMA REGIÃO DE CONFLITOS NO PARANÁ*

Frank Antonio Mezzomo**

I

O objetivo geral na escrituração desse texto é apresentar sinteticamente as motivações pessoais e propriamente acadêmicas, os diálogos teórico-metodológicos na configuração da problemática de pesquisa e as intersecções espaço-temporal como elementos condicionantes do objeto estudado. A pesquisa em pauta tratou de compreender como se construiu a trajetória eclesial de um bispo (Dom Olívio Aurélio Fazza) numa região de fronteiras (Foz do Iguaçu-Brasil/Paraguai/Argentina) marcada por conflitos socioeconômicos que tem seu auge no final da década de 1970 e início de 1980.

Mais que cair nas polaridades político/religioso, sagrado/profano, conservador/progressista para compreender o perfil pastoral do epíscopo e, em consequência, os investimentos discursivos em organizar os serviços religiosos da neo-diocese (Foz do Iguaçu/PR), o desafio é realizar uma leitura transversal da problemática, isto é, como as razões de ordem pessoal e institucional são imbricadas e amalgamadas a partir das apropriações realizadas pelo sujeito, neste caso, pelo bispo que tem seu *mundo* cognitivo e axiológico formado no limite de experiências tidas como intimista e espiritualizantes e outras inseridas no calor dos embates políticos e sociais, logo, direcionadas para os desafios do aqui e agora.

II

As questões que envolvem o Oeste do Paraná, sobretudo aquelas ligadas ao processo de colonização, modernização da agricultura, êxodo rural, migração endógena e exógena à região foram, nas últimas duas décadas, temas de pesquisas e estudos desenvolvidos no campo da História, da Geografia, da Sociologia e da Antropologia. Ademais, há uma significativa produção de artigos e ensaios, publicados em livros e periódicos, subven-

cionados pelos poderes públicos e privados, como prefeituras e empresas colonizadas, respectivamente. Nestes casos, a curiosidade intelectual, a abordagem e os objetos eleitos para serem referenciados atendem a perspectiva inerente à lógica do mecenato. Não obstante aos interesses intrínsecos à natureza das pesquisas, percebe-se que aspectos políticos, econômicos e sociais, discutidos freqüentemente em escala local e regional são predominantes, e preteridos aqueles ligados à religião e à cultura. Esses aspectos, quando surgem, em geral apresentam dupla implicação: são apresentados como apêndice de uma suposta causa eficiente ou como ornamento da estrutura social.

Embora panorâmico e abrangente, este diagnóstico inicial permite inserir a perspectiva geral da pesquisa em desenvolvimento, a saber, explorar o viés do campo religioso como possibilidade de conhecimento histórico sem, contudo, negligenciar demais aspectos do mundo social, como as perspectivas e influências provenientes do campo político, econômico e cultural. Na esteira dessa abordagem, estão presentes noções conceituais que acompanham a feitura da produção, seleção e leitura das fontes, o levantamento de hipóteses e as especulações conclusivas sobre o objeto estudado. Sobressaem, em particular, as definições conceituais de campo – neste particular do campo religioso –, de trajetória e de porta-voz do sagrado de Pierre Bourdieu, de *nomos* de Peter Berger, a apropriação/leitura e representação de Roger Chartier, o entendimento, implicação e relevância da concepção heurística da biografia consoante aos apontamentos de Sabina Loriga e, novamente, Chartier.

As demais referências utilizadas, geralmente em sintonia com esta base conceitual, foram providenciais por tornar possível a compreensão de fenômenos relacionados direta ou indiretamente com a pesquisa. A menção é válida para as interpretações, sobretudo, de Pierre Sanchis, Michel Lowy, Kenneth Serbin, Ana Maria Doimo, Zilda Iokoi, Vanilda Paiva e Roberto Romano, ao problematizarem teórica e empiricamente o campo católico brasileiro no que tange às relações de poder, às disputas intra-eclésiásticas, às trocas simbólicas e às (re)composições dos sujeitos do campo religioso. Foram igualmente providenciais como instrumental para se entenderem as aproximações/distanciamentos entre o Estado e a Igreja Católica no Brasil e, finalmente, para explorar com propriedade a problemática dos movimentos sociais, ora expandindo-se e ora arrefecendo-se em confluência ou distanciamento com a mística e a linguagem religiosa. Certamente, estes últimos autores, por meio de seus trabalhos, tornaram as categorias e noções teóricas palatáveis e, conseqüentemente, decisivas para a concepção e a execução desta pesquisa. Destarte, a estrutura do trabalho – desde o recorte temático, passando pela importância e trato dado às fontes, até os périplos temporais – à semelhança da armação de um edifício, deve ser compreendida na configuração desse horizonte teórico-metodológico.

III

Pode-se dizer que duas foram as razões que acompanharam desde a elaboração do projeto até o desenvolvimento da pesquisa. A primeira delas foram referências informais e veiculadas pela mídia impressa e falada de que a diocese de Foz do Iguaçu, entre as demais do Oeste do Paraná – Toledo e Cascavel –, havia assumido a vanguarda na renovação eclesial no que se refere às intervenções sociais. A identificação com o tema e a curiosidade pessoal indicava um problema a ser investigado. A segunda razão, propriamente acadêmica, surgia de uma constatação: os estudos sobre a compreensão regional, ao abordarem a questão da religião católica, mantêm atenção quase exclusiva nos problemas decorrentes do processo de colonização e, não raras vezes, tratam o campo religioso de forma homogênea e unívoca, sem atentar para fissuras e rachaduras eclesiais provenientes da auto-compreensão que os porta-vozes do sagrado fazem da Igreja. A busca do entendimento sobre essas duas questões constituiu a força motriz da pesquisa.

Dentro do campo religioso católico, o problema da pesquisa consistiu em compreender como e por quais razões Dom Olívio Aurélio Fazza, primeiro bispo da diocese de Foz do Iguaçu/PR, estruturou pastoralmente aquela Igreja Particular de modo a torná-la conhecida, porque profética em suas posições políticas e intervenções sociais. É possível afirmar que a presença do bispo, como porta-voz do sagrado, catalisa em si o encontro de um significante e de um significado preexistente, podendo agir como força organizadora e mobilizadora no meio social. Não o indivíduo de poderes excepcionais e sim o sujeito, que através de seu discurso ou de sua pessoa, com falas e atitudes, confirma o encontro e a compreensão de uma realidade significativa. Como pergunta-problema, colocou-se: que tipo de energias sociais o bispo está mobilizando na diocese? Quais serviços religiosos são arregimentados e quais preteridos? Nas ações assumidas, é possível perceber as apropriações simbólicas feitas pelo bispo ao longo de sua trajetória biográfica? Quais concepções axiológicas e cognitivas estão sendo invocadas como princípio de orientação sócio-religiosa? Qual é seu entendimento sobre o múnus episcopal e sobre a missão social da Igreja Católica? Essas indagações desenvolvidas no transcorrer dos capítulos evidenciam que não são as convicções espirituais em si e desdobramentos afetivos que interessam, nem mesmo a compreensão de todo o seu episcopado. Importa especificar o objeto em análise.

IV

A diocese de Foz do Iguaçu foi criada em 5 de maio de 1978 pela bula “*De Christiani Populi*”, de Paulo VI. Dom Olívio, missionário da Congregação do Verbo Divino, nasceu

em Juiz de Fora em 25 de junho de 1925. Tendo sido ordenado bispo em 12 de agosto de 1978, assumiu a diocese em 26 do mesmo mês e ano. Entregou o cajado de seu governo a Dom Laurindo Guizzardi, em 3 de março de 2002 quando, com 77 anos de idade, tornou-se bispo emérito e permaneceu como vigário geral daquela diocese. No último dia 25 de dezembro, dia em que se comemoram as festividades natalinas, às 12h15min no hospital Costa Cavalcante de Foz do Iguaçu, Dom Olívio vem a falecer com 83 anos de idade, dos quais 30 anos de episcopado e 53 anos de presbiterato.

Como primeiro bispo, teve a função de pensar a estruturação física e pastoral da nova circunscrição. Esse trabalho compreendeu tanto ações acerca da infra-estrutura, como criação e reorganização das capelas e paróquias, construção de seminário, centro de formação e assistência social, quanto a definição das diretrizes pastorais que a diocese tomara. Nesse último aspecto estão relacionadas atividades que vão desde reunir clero secular e regular, atrair congregações de religiosos e religiosas para os trabalhos educacionais, assistenciais e promocionais, como a formação de uma colegialidade que arregimentasse sintonia e cumplicidade na ação ética e social da diocese.

A indagação que se coloca é: a relação entre bispo, clero e leigos é mediada pela hierarquização ou pelo assembleísmo? Em que medida Dom Olívio imprime um ritmo na diocese de acordo com suas convicções ético-religiosas? O contexto social que encontra é decisivo a ponto de redirecionar seu governo? Como entender a relação de contato entre um agente do sagrado, o bispo, que, nascido em Juiz de Fora e exercido o presbiterato em São Paulo, vem para uma região de tríplice fronteira? Nas polaridades texto e contexto, sujeito e facticidade objetiva, ação individual e ação coletiva, pode-se compreender a ação de Dom Olívio na organização da Igreja de Foz do Iguaçu? Perguntas presentes e problematizadas ao longo desta pesquisa.

É importante ressaltar que os desdobramentos no campo religioso católico no Oeste do Paraná estão inseridos numa realidade com profundas transformações sociais. A Igreja Católica paranaense, desde 1950, busca responder ao desafio de se estruturar fisicamente e empreender uma ação político-religiosa coordenada. Nesse sentido, a primeira diocese do Oeste do Paraná foi criada em 1959 e instalada no ano seguinte, tendo como sede a cidade de Toledo. Dezoito anos mais tarde, em 1978, esta diocese foi subdividida e, a partir de então, a região passa a contar com três sedes episcopais: Toledo e as novas dioceses de Foz do Iguaçu e de Cascavel. Passado pouco mais de um ano, esta última diocese é elevada à categoria de Província Eclesiástica. Certamente, era uma medida administrativa elementar para fazer frente aos novos desafios pastorais em que o crescimento populacional representava apenas um dos aspectos.

Particularmente, a microrregião de Foz do Iguaçu, que a partir de 1978 compreende a área da nova diocese, é marcada por grandes transformações socioeconômicas, entre as quais se podem enumerar: o forte êxodo rural promovido pela mecanização do campo e pela construção da usina hidrelétrica Itaipu binacional quando, com a formação do lago, desaloja mais de quarenta mil pessoas; o processo intenso de migração ao Norte do Brasil e ao Paraguai; crescimento acelerado das cidades que, sem planejamento infra-estrutural, gera um processo agressivo de marginalidade social; esgarçamento das relações sociais sentidas sobremaneira nas pequenas comunidades do interior. No campo político, alguns municípios, além de fazerem parte da região de tríplice fronteira, estão enquadrados na Lei de Segurança Nacional de modo que seus prefeitos, não eleitos democraticamente, são nomeados pelo executivo estadual.

Assim, pode-se dizer que a pesquisa baliza-se temporalmente a partir de finais dos anos de 1970 até meados da década de 1980, quando estão conjugados os seguintes fatores: no campo religioso, encerra-se o período inicial de instalação da diocese e consolidação da proposta pastoral de organização de serviços religiosos voltados para o homem do campo e para o migrante citadino; no campo socioeconômico, com o fechamento da barragem de Itaipu e formação do lago sobre o Rio Paraná, finda-se o período tenso das indenizações dos desapropriados e diminui drasticamente a oferta de milhares de postos de trabalho para construção da hidrelétrica. No meio rural, o processo da modernização é sacramentado com a diminuição da agricultura familiar e o êxodo para a cidade; no campo político, novas proposições são feitas tendo em vista o período da redemocratização pautada na dinâmica da democracia, do pluripartidarismo e da liberdade dos movimentos sociais. Quer dizer, dentro desse universo de situações vivenciadas é fundamental compreender como o sujeito, neste caso Dom Olívio, lê essa realidade, apropriando-se e interpretando o momento, os interlocutores e o lugar social em que se encontra.

V

A tentativa de compreensão das ações do bispo na diocese de Foz do Iguaçu se apresentava como curiosa. À medida que apregoava discurso de promoção social e criava estratégias de intervenção na realidade, também manifestava simpatia pelos movimentos religiosos de espiritualidade intimista como as Congregações Marianas e os Focolares. Se solidário e ativo com a causa daqueles que tiveram suas propriedades alagadas pela construção da hidrelétrica de Itaipu, também não deixava de manter relações de proximidade com os signatários da binacional. Enquanto os discursos do bispo encampam uma Igreja organizada por meio das comunidades eclesiais de base, no oposto mantém uma fidelidade irrestrita à hierarquia eclesiástica. Esses pares antitéticos, ao menos apresentados

como tais, poderiam ser compreendidos, ao que parece, sobretudo pela análise de alguns aspectos da biografia que não se esgotavam na leitura das fontes produzidas ou referidas sobre o momento estudado. Daí a motivação de explorar a trajetória biográfica de Dom Olívio a fim de entender outros elementos de suas ações. Ao optar por este procedimento metodológico, entende-se que não é a infância pela infância, a formação seminarística por si mesma, a participação como congregado mariano e simpatizante da espiritualidade focolarina, o exercício da profissão como pároco e, na seqüência, como provincial da Sociedade do Verbo Divino que interessam. O objetivo principal é compreender como criou, amalgamou, silenciou e redefiniu experiências que se transfiguram nas posições ocupadas socialmente. Ao explorar sua trajetória biográfica – negociação consciente e inconsciente entre a subjetividade e a objetividade –, foi possível compreender posicionamentos tomados à frente da diocese de Foz do Iguaçu.

VI

A consecução da pesquisa foi possível em função de um profícuo trabalho de campo que se estendeu ao longo dos quatro anos do doutoramento. Além de oportunizar o ajuntamento de inúmeras fontes escritas e iconográficas, foram produzidas diversas entrevistas com líderes de comunidades e religiosas, padres e pastores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que tiveram proximidades com o personagem ou com a temática trabalhada. Foram particularmente fundamentais as duas entrevistas realizadas com Dom Olívio, quando dúvidas, acontecimentos e fatos desconhecidos ou pouco explorados pelas fontes escritas foram elucidados. Essas entrevistas também se tornaram úteis para, além das informações adquiridas, ter permitido um contato direto com o objeto principal da pesquisa. Assim, foi possível compreender muito do que as outras fontes mencionavam e, sobretudo, entender aquilo que não é verbalizado pelas fontes escritas, como os silêncios, as evasivas e as manifestações de alegria, espantos, descontentamentos, entre outros. Todos são indícios importantes para compreensão dos fenômenos sociais.

Juntamente com as fontes orais, as escritas foram imprescindíveis para se compor um vasto *corpus* documental e cobrir o personagem e o período estudados. Algumas delas, em particular, destacam-se por apresentarem seqüência temporal e temática e manterem coerência interna. Atendem a este princípio os livros tombo de capelas e paróquias da diocese e todas as atas do Regional Sul II quando, em setembro de 1978, Dom Olívio passa a participar como membro do episcopado paranaense. Igualmente fundamental foi a localização e a leitura das atas da Federação Mariana de Juiz de Fora correspondentes ao período de 1939 a 1943 e o livro tomo da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, de

São Paulo, onde exerceu pela única vez a função de pároco. Outras fontes primárias produzidas pelo bispo são de invulgar valor histórico, como a escrituração do livro tomo da diocese e o relatório *Ad Limina* enviado a Roma em maio de 1985. A leitura do jornal da diocese “*Em Um Só Espírito*”, publicado desde junho de 1979, além da seção A Voz do Pastor, escrita pelo bispo, proporcionou um cenário das atividades cotidianas desenvolvidas na diocese. O jornal, em grande parte, faz uma radiografia das opções e explicita os silêncios pastorais.

Embora sem garantias, procurou-se munir de uma vasta série de fontes, de materialidades diferentes, como fotos, entrevistas, textos, mapas, a fim de cobrir o objeto estudado. Todas foram compulsadas criteriosamente a fim de apreender o sentido e significado de suas intencionalidades. Ao falar em fontes históricas, as considerações de Jacques Le Goff são oportunas por considerar o documento como resultado do esforço das sociedades históricas de impor ao futuro, consciente ou inconscientemente, determinada imagem de si próprias. Uma vez existindo por causas humanas, engendrado e recolhido pela memória coletiva, o documento deve ser repensado como uma montagem. Não existe o documento ontologicamente verdadeiro, pois todo documento resulta de uma criação das sociedades. Daí a definição de que todo documento é um monumento, isto é, uma elaboração da memória histórica que deve ser desmontado, demolido, desestruturado a fim de analisar as condições de sua produção. O cruzamento entre opção teórica escolhida e o entendimento sobre a noção de documento estiveram presentes ao longo da pesquisa de campo, no cotejamento das fontes e na escrita do trabalho.

VII

No que se refere ao trabalho que ora se encerra, ficam alguns aprendizados e algumas contribuições para a historiografia regional. Compete destacar a oportunidade em explorar a trajetória biográfica de Dom Olívio como possibilidade heurística para compreender o universo simbólico do personagem e os desdobramentos pastorais quando bispo de Foz do Iguaçu. Feita essa opção, o objetivo foi explorar o papel do indivíduo na construção dos laços sociais, por concentrar em si as características e as interrogações de uma comunidade e se inserir numa rede de relações e problemas de uma época. Essa opção metodológica procurou se afastar da abordagem estruturalista que dilui a função do indivíduo na estrutura social e da tradicional polarização homem versus contexto social, assim como da postura anedótica e puramente cronológica da narrativa das práticas do indivíduo. Como precaução e objetivo da escrita, buscou-se não sucumbir à sedução de perder a história problema em nome de um modismo cuja marca é a facilitação e a superficialidade da pesquisa.

Na mesma linha interpretativa de valorização do papel ativo do sujeito como produtor de sentidos e de apropriações subjetivas do mundo social, esta abordagem buscou entender as experiências vividas e significadas por Dom Olívio. Daqui em diante, e assim se construiu o primeiro capítulo, o desafio foi compreender como se constituiu o *modus vivendi* do sujeito através das instituições doadoras de significados sociais, como a família e as experiências católicas presentes através da Congregação Vicentina, dos Focolares, sobretudo da Congregação Mariana, da leitura, ainda na juventude, dos periódicos confessionais e dos livros do teólogo e bispo Tihamer Toth, da espiritualidade e carisma dos padres missionários do Verbo Divino. Ao trazer em pauta algumas preocupações da Igreja de Juiz de Fora e por extensão as grandes prioridades da Igreja do Brasil de meados do século XX, a maior contribuição desse capítulo consistiu em apresentar e analisar as apropriações, ressignificações e leituras realizadas por Dom Olívio, vazando as objetividades estruturantes, isto é, se assume a austeridade da disciplina e a espiritualidade mariana, relativiza a cruzada contra o comunismo e o protestantismo; se dócil e obediente à hierarquia, acessível e assembleísta na organização da diocese; se, por um lado, formado numa concepção teológica pré-conciliar e simpatizante de movimentos religiosos de espiritualidade intimista, por outro simpático das opções teológico-pastorais definidas em Puebla (1979) e defensor da intervenção social da Igreja. Enfim, ao explorar os indícios da sua trajetória biográfica, foi possível entender, em grande parte, a administração episcopal no processo de instalação e organização da diocese iguaçuense.

VIII

Durante os anos de 1960 a 1970, quando atuou como formador, vigário e, na seqüência, pároco por cinco anos na paróquia Nossa Senhora de Lourdes, bairro Água Rasa, em São Paulo, as atividades desenvolvidas pouco denotaram uma renovação eclesial impulsionada pelo evento do Concílio Vaticano II (1962 – 1965) e mesmo de Medellín (1968). Ao que as evidências apontam é, a partir de meados da década de 1970, quando assume a função de provincial da Congregação Brasil-Centro, correspondente ao estado de São Paulo, que novas preocupações religiosas são assumidas. Este é o problema inicial apresentado no segundo capítulo, que teve como objetivo principal compreender o projeto eclesial *In Uno Spiritu* desenvolvido na diocese de Foz do Iguaçu. A fim de evitar cair no localismo temático e desenvolver análises míopes, buscou-se a todo instante inserir a problemática da diocese dentro do campo católico brasileiro, sobretudo considerando as injunções provenientes do Regional Sul II e os diálogos, no campo político, ocorridos entre Igreja e Estado brasileiro. Mais do que precaução, tal postura é justificada por se entender que compete ao historiador não somente constatar, mas tentar compreender as

diversas imagens, ou a pluralidade de compreensões que a instituição apresenta de si num dado momento histórico.

Todo recurso simbólico como porta-voz do sagrado é utilizado nas visitas pastorais, nos escritos e entrevistas na imprensa escrita e falada, nas Assembléias Diocesanas, entre outros, para construção de um perfil pastoral voltado para o que Dom Olívio entendia ser a missão da Igreja na sua base – evangelizar –, com atenção especial à família, às CEBs e à renovação paroquial, priorizando atuar sobre/com os pobres e jovens. Opção clara, proposta polêmica *intra e extra ecclesie*. Entre as contribuições importantes desse capítulo, consta a discussão acerca das dificuldades e disputas, embora às vezes silenciosa, referente ao projeto eclesial. A resposta à pergunta “*Qual o real papel da Igreja?*” certamente não encontra consenso.

A outra questão relevante diz respeito à problematização acerca das CEBs, comumente compreendidas, entre outras características, como gestão democrática dos bens de salvação. O que se pode concluir de imediato é que, ao lado da opção, existia também a necessidade estrutural da diocese, haja vista o escasso número de agentes do sagrado. A diocese, em 1980, contava com vinte e seis padres, dos quais somente dois eram diocesanos. Embora a superfície seja relativamente pequena (6.821,9 km²), a população estimada é de aproximadamente 360 mil habitantes, o que dá uma média 13.846 habitantes por presbítero, uma das maiores médias do Brasil, conforme dados fornecidos pelo Ceris. O número de presbíteros, desde a criação da diocese em 1978, não deixa de compor uma variante significativa na sua organização administrativa e pastoral.

O segundo aspecto fundamental para se compreender a administração e opção pastoral de Dom Olívio é o forte êxodo rural que tornava as capelas e algumas paróquias isoladas e vazias em função da migração. Quer dizer, a rigidez da estrutura física da Igreja centrada nas paróquias, em conjunto com o número de padres, mostravam-se pouco hábeis para uma sociedade que estava em constante movimento. A essa realidade, a frase contida no *Livro-Tombo da Diocese de Foz do Iguaçu*: encontro das pastorais das migrações limítrofes, 3 a 6 de julho de 1979, às pg. 9 é lapidar: “*A mobilidade do mundo contemporâneo deve corresponder a mobilidade da Igreja*”. Nessa frase igualmente está implicada uma mudança de metodologia impulsionada por Dom Olívio.

Antes das CEBs, os grupos de reflexão se expandem sendo desenvolvidos horizontalmente no plano das relações informais, nas linhas e nas diretrizes pastorais. Ainda que agreguem bases ativas no processo de tomada de decisões, dependem da estrutura formal, verticalizada e hierarquizada da instituição católica. Ademais, sem o impulso eclesial, no que tange à sua estrutura organizativa e, sobremaneira, à linguagem simbólica, possivelmente teriam sido seduzidas pela dispersão. Assim, a noção de CEBs em Dom Olívio

deve ser compreendida como tendo no horizonte a hierarquia e jamais separada dela. “*Todos os movimentos em função da CEBs e as CEBs para formar uma unidade na Paróquia a exemplo da unidade Universal da Igreja*” (Livro Tombo da Paróquia Sagrada Família de Nazaré: Visita pastoral de Dom Olívio Aurélio Fazza. Ramilândia, 20 a 26 de setembro de 1980). Quer dizer, descentralizar alguns serviços, sim; sem, contudo, acabar com a estrutura paroquial.

IX

Finalmente, e aqui a relação com o terceiro e último capítulo, em todos os escritos e entrevistas concedidas, fica patente a sensibilidade social de Dom Olívio e a pouca insistência em relação a questões da moral familiar, como sexualidade, métodos contraceptivos, indissolubilidade matrimonial, entre outras. Se essa opção discursiva demonstra concordância com a Igreja, sua pouca ênfase manifesta igualmente a não prioridade em seu episcopado, embora estivesse falando de uma região de fronteira onde o tráfico e exploração sexual é uma realidade flagrante. É plausível afirmar que na sua atuação há uma afinidade eletiva com aqueles que estão submergidos pelo sistema capitalista. Contudo, são imperceptíveis ações que provocam questionamentos sobre sua legitimidade, senão tão somente contra algumas conseqüências provocadas bastando, para tanto, algumas correções de rumo. De modo, usando noção conceitual de Lowy, pode-se dizer que há afinidade eletiva negativa de Dom Olívio não com o capitalismo enquanto tal, mas com algumas conseqüências decorrentes desse sistema como a marginalidade, a impessoalidade e a exploração socioeconômica.

Importa destacar que as opções pastorais tomadas colocam-no em contato com diferentes grupos sociais cujo prestígio político e econômico é determinante na sociedade oestina. Entretanto, longe da dissidência com esses grupos sociais de opções ideológicas diferentes, Dom Olívio zela pelo convívio na tentativa de não esgarçar as relações de negociações/interlocações. Com isso, os maiores desafios e, conseqüentemente, suas intervenções direcionam-se na tentativa de minimizar as conseqüências da urbanização acelerada e da modernização do campo que concretamente se revelam pela falência de cooperativas e pela construção da usina hidrelétrica de Itaipu.

As estratégias de ação giram em torno das campanhas incentivando a permanência do homem no campo, serviços de assistência e promoção do migrante (sobretudo na cidade de Foz do Iguaçu), reuniões com cúpula da CNBB e da CEP (Conferência Episcopal do Paraguai) e campanhas com as dioceses limítrofes da tríplice fronteira a fim de tratar do problema da migração e, ao fim, o que veio a ser possivelmente o maior desafio de seu episcopado: as tensas negociações e passeatas com aqueles que foram atingidos e desa-

propriados por ocasião da construção da binacional Itaipu. Nesses cenários de conflitos é correto afirmar, utilizando conceituação weberiana, que junto com Dom Olívio, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Comissão Pontifícia Justiça e Paz do Paraná (CPJP/PR) exerceram papel de profetismo ao assumirem o que se convencionou chamar no trabalho de vanguarda da renovação eclesial.

Mais do que elencar fatos da história que poderiam se estender infinitamente, os envolvimento sociais discutidos tornam-se excepcionais porque concentram em si características suficientes para explorar o sentido e significado das ações do sujeito. Ao optar por esta abordagem, abria-se “como que” uma fenda privilegiada para se entender, nos fragmentos de historicidades, a constituição do campo religioso católico da diocese de Foz do Iguaçu sob o ângulo da trajetória biográfica de Dom Olívio.

Recebido em abril/2008; aprovado em maio/2008.

Notas

* Texto produzido a partir da pesquisa de doutoramento a ser defendida em março de 2009 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob o título: “*Dom Olívio Aurélio Fazza: trajetória eclesial de um bispo em uma região de conflitos*”.

** Professor do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM), Paraná. E-mail: <mailto:frankmezzomo@gmail.com>